



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista Realizada em:** 29.11.2013

**Hora:** 14h30min.

**Local:** Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

**Entrevistados:** Luíza Maria Nóbrega

**Responsável pela transcrição:** Lucila Barbalho e Patrícia Morais (bolsistas)

**Carlos Gomes:** Seu nome atual é?

**Luíza Maria Nóbrega:** É o que sempre foi. Luíza Maria Nóbrega, depois de divorciada. Voltei ao nome de solteira.

**Carlos Gomes:** Então, Luíza, você deve estar sabendo exatamente qual é a nossa missão. É relatar os fatos da repressão, sobretudo no âmbito da Universidade. Também fique a vontade para também narrar outros fatos que você tenha conhecimento, mesmo que fora do âmbito da Universidade. Eu lhe concedo a palavra. Então conte a sua trajetória. Se teve participação antes de ser universitária, comece por aí. Depois a vida universitária e daí por diante.

**Luíza Maria Nóbrega:** Certo. Então, boa tarde a todos! Eu começo por agradecer o convite pra vir aqui cumprir o meu dever. Dar um depoimento como testemunha e protagonista, digamos, modesta protagonista dentro da história do país. Agradeço ao professor o convite para que eu contribua. Ontem eu estava me perguntando por que, na verdade, eu fui avisada com pouca antecedência, embora eu já soubesse da existência da

Comissão e até já tenha assistido a uma sessão que houve recentemente. Quando fui convidada fiquei me perguntando: o que é que vou dizer? Porque não se pode ir a um lugar sem saber o que se quer saber de nós e, ainda mais, trata-se de uma Comissão que está apurando fatos e que está solicitando depoimentos. Então me perguntava ontem o que vou dizer a Comissão. O que vou dizer? Hoje eu comecei a revirar, a remexer em uns papéis, fui pegando uma série de coisas, montando um dossiê e organizei o meu depoimento em três partes. Numa primeira parte, a entrega de um dossiê, com documentos e um memorial. Um dossiê ao qual eu dei o mesmo nome do memorial, que é o memorial que foi apresentado à Comissão de Anistia quando fui solicitar minha indenização lá em Brasília. E o título é: *O destino interrompido – memorial de uma fuga*. A segunda parte é um breve relato de alguns episódios. Claro que eu não vou poder contar tudo. Espero que, ao relatar isso, contribua de alguma forma para que seja apurado aquilo que se pretende realmente apurar. E a terceira parte será a resposta a perguntas. Caso achem que em algum ponto fui incompleta ou que não abordei certo ponto que deveria ser abordado – ou mesmo qualquer pergunta que queiram fazer – estou disponível para responder, se possível. Eu quero pedir licença para começar com uma epígrafe, eu gosto muito de epígrafe. Sou escritora e gosto muito de epígrafes. E a epígrafe que eu escolhi são duas estrofes de uma canção do Chico Buarque, muito famosa, chamada Roda Viva, que uma vez, depois de muitos anos decorridos, caminhando pelo Rio, ouvi e finalmente compreendi muito bem o que é que ele queria dizer com aquilo, porque senti na pele. São dois versos que dizem assim: “A gente quer ter voz ativa / No nosso destino mandar / Mas eis que chega a roda viva / E carrega o destino pra lá / A gente vai contra a corrente / Até não puder resistir / Na volta do barco é que sente / O quanto deixou de cumprir”. Parece que ele estava antevendo a nossa mirada de hoje para aquilo que passou. Também gostaria de ler uma segunda epígrafe, que é um poema que eu escrevi em 1967. Foi quando eu estava começando a participar dos movimentos. Dá conta bem de como é que se sentia a minha geração ou, pelo menos, eu tentava traduzir com aquelas palavras: “Se digo vou estudar / Na escola, pensaria alguém / A minha geração não tem escola / É nos escuros que elas se reúnem / Às vezes, com estrelas se confundem / Vejamos até quando, impune”. Isso era 67. Eu já estava sentindo no ar aquela nuvem negra se aproximando. Eu vou fazer assim: vou relatar e, na medida em que for relatando vou, paulatinamente, informando sobre o que está aqui nesse dossiê. Tenho pena, ao entregar isso, de não poder trazer aqui - tenho

imensa lástima, já lastimei muitas vezes e agora lastimo mais do que nunca - que agora seria entregar com grande prazer um conjunto de fotos para vocês que eu mesma fiz quando da invasão do Restaurante Universitário. Fotografia de Emmanuel discursando, Dermi discursando, Jaime discursando, Gileno Guanabara discursando, toda aquela gente discursando... A polícia chegando. Todas aquelas coisas eu fotografei. Quando eu tive que fugir, deixei tudo na casa de uma colega minha da Sociologia que se chamava Ana Valderez e que já se foi. Ela queimou tudo apavorada, destruiu tudo. Ainda por cima, naquele tempo era só negativos e fotografias em preto e branco. E também tenho pena de não poder apresentar alguns documentos que se perderam. Era uma diáspora na verdade, um conjunto de diásporas. Não foram só os judeus que foram perseguidos e tiveram que se dispersarem e que perderam todas as suas coisas. A classe média daqui também teve esse destino. Classe média brasileira. Classe média de diversos níveis. Portanto, um desses documentos foi uma carta que o Doutor Seabra Fagundes me escreveu quando estive na Faculdade de Direito, pois o Professor Edgar Barbosa me pediu para ser a aluna que o cumprimentasse. E ele fez uma conferência para toda a Universidade. Era preciso escolher um aluno, entre todos, para saudá-lo e eu fui a escolhida pelo Professor Edgar Barbosa. E ele me escreveu uma carta onde ele já previa que eu não conseguiria acreditar na força do Direito e, sim, que eu já estava sentindo a força se impondo sobre a força do Direito. E outra coisa que muito lastimo que se tenha perdido foi um poema que Emmanuel escreveu no verso de uma fotografia minha. Ele era poeta. Um poema que ele dedicou a mim e escreveu no verso e essa foto foi furtada quando o Françoise era presidente da Fundação José Augusto e quis fazer uma biografia de Emmanuel. Daí ele solicitou que quem tivesse documentos mandasse e eu enviei. Essa fotografia foi furtada por alguém que todos têm certeza de quem se trata, mas ninguém pode provar nada e pronto. Já era. Se foi. Paciência. Lamento até mais por ele do que por mim. Quem sabe um dia isso reaparece. É um poema de Emmanuel com o autógrafa dele. Também seria um documento histórico daquela época. Bom, começando o meu relato de episódios, eu dividi em duas fases: uma primeira fase, antes do AI-5 e a outra, depois do AI-5. Nem precisa explicar o porquê. É um referencial total. Claro, visto do ponto de vista da minha participação. Tive participação intermediária, porque não fui nem daqueles que ficaram ao largo, mas também não fui da linha de frente. Digamos que eu estava, imediatamente, um pouco atrás daqueles que estavam na linha de frente, muito embora estive na direção do PCR, para a qual fui eleita membro da

direção do PCR e participei como membro dessa direção. Começou tudo pra mim como uma agitação súbita na Faculdade de Direito, quando entra a turma de Juliano Siqueira. Eu era do terceiro ano, Juliano era do primeiro e aí começa aquele vendaval de Paris. Começam aquelas canções de protesto, aqueles festivais de música, aquela onda que todo mundo conhece. Chico Buarque, aí depois Caetano etc. E aqui em Natal começam a deflagrar-se vários eventos, movimentos, passeatas. Mas, antes disto, eu podia ter trazido para projetar – mas agora está aqui – posso mostrar pra vocês. Antes disso, já como antecedentes, preâmbulo, primórdio, quando eu fiz vestibular em 66 o trote já era super antiamericano, Natal vai mudar de nome. Vai virar *Christmas*, coisas assim. Em 1967, a coisa começa a se encorpar. E acho que, no fim de 67 e início de 68, vão eclodindo os movimentos. Surge Jaime Ariston, que começa a ir bastante à Faculdade de Direito. Embora fizesse Sociologia – Emmanuel também fazia Sociologia – começa a ir constantemente para a Faculdade de Direito, que era chamado o foco dos reacionários. Era o foco da reação. Havia grandes combates, digamos assim, grandes confrontos até mesmo entre estudantes. Por isso os de fora vinham dar força àqueles do Direito que queriam enfrentar aquela maré perigosa. Lembro muito bem de um dia que Jaime Ariston entrou, assim, ele era um pouco alto e foi a primeira vez que eu o vi. Depois ele se tornou meu cunhado porque se casou com minha irmã algum tempo depois, passando com uma camisa listrada e aquela maré humana, aquela gritaria. Doutor Otto sem saber bem o que fazer e aquilo tudo pra mim pareceu uma coisa, um movimento: "Que bom, algo está acontecendo Quem são esses rapazes? Vou lá pra ouvir o que eles está dizendo". Devo confessar: eu era um menina de classe média, o que naquele tempo se chamava de alienada. Gostava de Roberto Carlos, muito embora fosse bastante rebelde e detestasse o provincianismo e vivesse em busca de um novo horizonte. Eu já tinha em mente que tinha que ir para mais longe, não sabia em que e nem o porquê. Quando surge aquela linha de frente, eu pensei, é com esses que eu vou, como diz aquela canção do carnaval "Vou com eles", sem perguntar muito bem aonde aquilo ia dar. Começaram então as passeatas e eu achava isso maravilhoso e muito interessante. Aquelas passeatas, todo mundo se movendo, pintando cartazes e vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Era uma brincadeira, na verdade. Ninguém ia conseguir fazer aquilo daquela maneira, como a história provou depois. Era sonho de jovens. Bom, eu preciso dizer. Disseram-me que eu teria todo o tempo que quisesse, mas eu não vou abusar. Houve coisas tão interessantes que nós, às vezes, não podemos nos conter

muito e uma ideia vai puxando outra, mas eu vou tentar seguir o roteiro para não me prolongar excessivamente e não cansar ninguém. Devo dizer o seguinte... Eu antes pretendia iniciar esta fala com uma declaração que eu vou ler pela primeira vez em público, que é do único professor sobrevivente, que se chama Raimundo Nonato Fernandes.

**Carlos Gomes:** Faleceu.

**Luíza Maria Nóbrega:** Faleceu agora? Quando?

**Carlos Gomes:** Faleceu ano passado.

**Luíza Maria Nóbrega:** Eu quando entrei fiquei olhando ali. Se tivesse ali Professor Edgar Barbosa, José Emerenciano, Múcio Ribeiro Dantas, toda aquela turma. Quando eu voltei para Natal, 30 anos depois da minha ausência, que eu fui correr atrás dos meus direitos, aí alguém me aconselhou: “Vá, corra que o Professor Raimundo Nonato ainda está vivo”. Eu fui lá porque havia um episódio muito curioso. O Professor Raimundo Nonato tinha sido meu professor de *Introdução à Ciência do Direito* no primeiro ano da Faculdade. Eu era considerada uma aluna brilhante, como ele vai dizer aqui. Não fazia prova nenhuma, passava por média sempre. Acho que uns dois meses antes de acabar o curso eu já estava passada por média. Acontece que a partir do terceiro ano eu comecei a embarcar naquela onda e fui perdendo aulas e fui perdendo o gosto, mas fui até o fim como primeira aluna. Eu concluí o meu curso com essa medalha do mérito universitário, assinada pelo Reitor Onofre Lopes, por ter sido a primeira aluna durante os meus cinco anos. Acontece que, no quinto ano, o Professor Raimundo Nonato foi dar Direito Administrativo. Eu entrei para o Direito, mas na verdade minha vocação era a Filosofia ou Psicologia e acabou sendo a Literatura. Mas disseram que no Direito tinha Filosofia. Então eu fui fazer Direito. Então, pensar no Direito era o que me fazia ser a primeira aluna. Quando chegou a hora de aplicar o Direito, aí eu perdi todo o entusiasmo e não vi graça decorar todos aqueles artigos, mas para quê isso? Eu não via muita graça e fui fazer Sociologia porque eu comecei a perceber que o Direito era uma sobrecamada que ia regularizar aquilo que já havia sido decidido antes pela política, pelos movimentos sociais. Então eu pensei que é isso que eu quero entender. Quero entender onde é que a

coisa começa e fui fazer Sociologia. Essa eu não consegui concluir porque quando estava no terceiro ano tive que fugir. Mas voltando a Raimundo Nonato. Eu perdi o gosto e quando chegou em Direito Administrativo eu disse – essa eu me recuso a estudar! Não vou estudar! Nem comprei o livro. Não vou estudar essa disciplina. Recuso-me porque eu não queria saber os direitos de um funcionário. Hoje me arrependo. Eu bem que gostaria de saber. Mas é que naquele tempo também não havia Direito Ambiental. Essa parte mais avançada que, na verdade, a era pra mim. Direito Civil, Direito Trabalhista, Direito Penal. Nenhuma dessas me atraía. Pois bem. A única prova que eu fiz durante o meu curso foi a de Direito Administrativo, porque precisei de seis no final. Eu ainda conseguia driblar e tirar umas notinhas ali, mas precisava fazer uma prova e tirar um seis. Eu disse: "E agora, o que eu faço?". Aí cheguei diante dele, com a coragem e a cara, e nem estudei pra prova. Ele começou a fazer as perguntas. E eu: "Pela lógica, deve ser isso". "Não senhora, não é". "É sim". "Bom, então não tem lógica e se não tem lógica, não é Direito". Ele disse: "É o seguinte... quanto é que você precisa?". Eu disse: "Seis". Ele disse: "Vou lhe dar um seis, mas você merecia esse seis". Ou seja, em Direito Administrativo eu não fui brilhante, mas quando voltei ele teve um gesto gentil de me dar essa declaração que estou lendo pela primeira vez em público. "É claro que a doutora Luíza Nóbrega, brasileira, divorciada, professora universitária, inscrita na OAB/RN número tal, residente nesta capital, foi minha aluna da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte nas disciplinas de Introdução à Ciência do Direito (primeiro ano) e Direito Administrativo (quinto ano) e teve desempenho brilhante, o mais brilhante até aquela altura na história da referida Faculdade, em ambas estas matérias". Ele disse uma mentirinha. Foi clemente. Ele queria que eu fosse realmente indenizada. "Assim, como nas demais disciplinas do curso, conforme testemunho unânime dos respectivos professores, fato este que prenunciava um futuro igualmente brilhante na carreira jurídica e atividades profissionais correlatas, o que porém não sucedeu em virtude, certamente, da perseguição política e condenação criminal de que foi vítima por parte dos órgãos de repressão do governo militar." Depois vem aqui comprovando a medalha. Depois eu coloquei aqui as minhas notas pra ficar tudo comprovado. Depois vem uma declaração de Cortez Pereira, em que ele cita outros, que é interessante também e que ele diz: "Como ex-professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de Introdução à Ciência do Direito e Filosofia do Direito". Isso porque no final ele substituiu o

Professor Raimundo Nonato: "Convivi com algumas gerações de futuros bacharéis que deixaram recordações marcantes. As lembranças que guardo têm a diversidade mais ou menos definida das ideias e comportamentos de muitos. De duas personalidades que me permitiram antever os seus delineados futuros. Destaco, entre tantos, as características de alguns, entre os quais a de uma observadora atenta, reflexiva, interrogando mais do que questionando, itinerante atenciosa por becos, ruas e avenidas do conhecimento. Lembro-me muito de Luíza Nóbrega, Luíza Maria Nóbrega, cujo futuro profissional se delineava com evidência, por seus antecedentes pessoais e acadêmicos. Todo esse futuro que parecia ser e que não foi, tornou-se um longo período de sofrimento intranquilo e até desesperador. Houve clandestinidade, perda de liberdade, perseguições, reclusão por crime que não houve, a não ser contra ela mesma. A gravidade de todas essas coisas desproporcionais como retaliação ao comportamento que eu conheci de perto, de muito perto, que me permite julgá-las absurdas, tanto na essência do erro, quanto no mal de suas consequências. A reparação que se impõe será um simples adjetivo de justiça, porque a reparação substantiva de tudo que houve torna-se, absolutamente, impossível. A medalha do mérito universitário a Luíza Nóbrega, assinada pelo Reitor Onofre Lopes, por ter sido a melhor concluinte do ano de 1970 do curso de Direito da UFRN significa muito ampliado por toda a autoridade que é imposta pela assinatura de Onofre Lopes". Cortez Pereira, professor. Deixamos por enquanto o memorial de lado. Voltemos aqui ao roteiro para falar sobre os episódios daquelas passeatas, entre 67 e 68, antes do AI-5. A culminância se dá quando nós ocupamos o Restaurante Universitário. E o pessoal da Casa do Estudante queria uma coisa qualquer, uma revolução qualquer. Alguém queria até sequestrar Onofre Lopes. Acho que eram os que nós chamávamos de os "porra loucas", que eram aqueles que diziam: "Ah, vamos fazer e aquilo outro". Que sempre queriam ir mais além. Bom, eu acho que foi Gercino quem deu essa sugestão, se eu não estou enganada. Era PCBR. Ele era muito de Juliano. Nós, na Faculdade, fazíamos também. Existia o que chamávamos de esquerda festiva também, que era de Hilda Fagundes, por exemplo. Era aqueles que iam mais pra paquerar, ouvir música bonita, dançar, tocar um violão e se divertir. Quando o bicho pegou, como se diz, pernas pra que te quero. Os mais protegidos escapavam. E havia os reacionários e havia os dedo-duro também. Havia tudo. Era uma fauna. Nós ocupamos o Restaurante Universitário. E o que pra mim foi uma festa, pra minha mãe foi um inferno. Para meus pais foi um inferno. Quase apanhei, mas para mim foi uma grande

festa. Até que... O que é bom dura pouco e eu não vou aqui dizer como foi o AI-5. Não vou ensinar padre nosso ao vigário. Vocês sabem perfeitamente como foi o famigerado Ato Institucional número 5, que – entre outras coisas – fechou o Congresso, suspendeu todas as garantias e instaurou um terror no país. Com a prisão de líderes, entre os quais Jaime Ariston, que já namorava a minha irmã; também Ivaldo Caetano e Gileno Guanabara, ali no quartel da polícia que fica na Rodrigues Alves. E como Jaime namorava a minha irmã Fátima e Emmanuel já estava querendo me namorar, aí nós íamos lá com a minha mãe do lado. Entrávamos e éramos bem recebidas pelos policiais. Mas, nessa mesma altura, já começo a relatar o ocorreu imediatamente após o AI-5. Quando eles foram presos fui chamada a depor no 16-RI. Foi o meu primeiro encontro com a repressão. Eu estava semiobscura, diante de três militares, um da Marinha, um da Aeronáutica e outro do Exército. Eles faziam aquele jogo de que um era mais “malzão” e os outros eram bonzinhos. O que eles queriam de mim era me assustar para obter informações. Naquele tempo eu ainda era ingênua, menininha, pequeno-burguesa como se dizia naquela época, e de quem eles poderiam extrair informações para poder incriminar aqueles que eles chamavam de alienígenas. Eu depois fui chamada de alienígena quando fui procurada. Os infiltrados eram Jaime Ariston, Gileno Guanabara – que já era até fichinha porque já estava há mais tempo do PCzão –, Ivaldo Caetano e Emmanuel, que era um dos mais perigosos. Tanto que foi o mais torturado, mais barbaramente assassinado e não entregou ninguém. Aguentou até o fim sem dizer nem pio. Emmanuel era alguém diferente. Bom, nessa altura eu fui convocada, fui ao 16-RI e eles ficaram lá a tarde todinha comigo me assustando, e o meu pai esperando lá fora, até que ao fim da tarde eu não aguentei mais e disse: "Vocês são muito malvados, eu não aguento mais". Aí comecei a chorar. Então ele disse: "É. vá simhora". Aí me soltaram. Falei: "Ah, estou livre". Só que eles não sabiam que eu estava começando a ser recrutada pelo PCR, porque se soubessem a coisa tinha sido diferente. Então, depois os líderes ficaram presos pouco menos de um ano e em seguida foram libertados, mas foi uma libertação muito precária, porque logo em seguida já começava a pegar de novo. Tudo que acontecia pegavam um, depois pegavam outro. Então alguns pensaram: "Quer saber de uma coisa? Eu vou fugir, vou me esconder". E Emmanuel já entrou pra clandestinidade. Nessa altura eu fazia Sociologia e passei o ano de 1969 todo fazendo Sociologia. E é sobre isto também que eu quero falar. Este é o meu depoimento que é o seguinte... Nessa altura eu estava sendo recrutada para o PCR. Nessa segunda fase, já



entrando nela depois do AI-5, com a prisão e a evasão dos principais, dos maiores, do primeiro escalão, o segundo escalão teve que assumir. Então eu assumi não só a redação do *Jornal do Estudante*, como também me tornei membro da Direção do PCR.

**Carlos Gomes:** Como era o nome do jornal?

**Luíza Maria Nóbrega:** *Jornal do Estudante*, chamado JR. Nessa altura a coisa se complicou para mim. Eu compreendo perfeitamente porque esse período se chama "anos de chumbo". Eram mesmo anos pesados. Eu entrava na Faculdade de Sociologia e tinha a sensação constante de uma atmosfera pesada e um clima opressivo. Você sentia um frio na alma. Você tinha a sensação de olhos espionando. Você não podia conversar. Havia muito pouca iluminação naquele tempo em Natal e muitas árvores. Nós sentávamos ali. O muro era escuro.

**Carlos Gomes:** Na Fundação José Augusto.

**Luíza Maria Nóbrega:** Isso, na Fundação. E sempre chagava um dedo-duro. Então não podíamos conversar. E haviam uns que nós confiávamos e que eram também informantes sem que nós soubéssemos. Até taxista você não podia conversar. Eu fui, então, recrutada, continuei fazendo panfletagens através daqueles bairros onde hoje fica o Machadão.

**Carlos Gomes:** Lagoa Nova?

**Luíza Maria Nóbrega:** E pra lá de Lagoa Nova chamavam de Carrasco. Carrasco hoje é o quê?

**Carlos Gomes:** Hoje é Dix-Sept Rosado.

**Luíza Maria Nóbrega:** Tudo terra. Passavam rios. Certo dia um vigia saiu apitando, correndo atrás de mim e eu caí dentro de um rio com todos os panfletos. E além disso, montamos um aparelho para os lados da praça Augusto Leite. E aí, pra disfarçar, Maria

e Gracinha, que eram as duas primas de Emmanuel, foram morar lá. Meninas do interior que vêm estudar. Nada mais lícito. Só que com a continuidade, o Partido começou a abusar demais e as reuniões à noite começaram a chamar a atenção da vizinhança. No meio desse clima de medo constante, com o coração abalado e rumores de prisões e deidas clandestinas a Recife para ter reuniões lá, o que é que acontece é que havia dissidências sérias nos Partidos. É um fato comprovado porque uma dissidência do PCB virou PC do B; depois o PC do B rachou e virou PC do B ala vermelha; e outra área que virou PCB e outra que virou PCR. Quer dizer, dizia-se que havia três mil organizações de esquerda no Brasil naquele tempo. Havia uma que se chamava Partido Rosa Luxemburgo e só tinha um membro e era uma mulher. Era só ela. E aí havia aquelas discussões e ninguém se entendia. E eu comecei a ter discordâncias do Partido. Na verdade, eu comecei a namorar Emmanuel, mas nós tínhamos discussões sérias, porque ele dizia: "A revolução vai vir, como o sol nasce todo dia e vou dar minha por ela". Eu dizia: "Não vai, você está enganado e isso vai tudo pelo brejo". Ele: "Então por que você tá nisso?". E eu: "Porque tem que ser, mas eu não acredito". E aí ficava essa discussão entre nós dois. Hoje eu sei que tinha razão, mas tinha também Emmanuel. Porque a revolução veio. Nós estamos em plena revolução. Só que não é aquela revolução socialista que nós queríamos. Infelizmente, nós estamos numa revolução capitalista e é assim que eu vejo. Nesse clima maravilhoso, para não dizer o contrário, em que a ditadura nos perseguia e o Partido se desentendia. Começa-se a cometer erros drásticos como recrutar meninas de treze anos. Daí chama de companheira e dar livros de Rosa Luxemburgo para ler. Uma criança que chegou do interior do Rio Grande do Norte naquela época. Era delírio apenas perdoável porque era um surto revolucionário. Diga...

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Foi de 1966 a 70. Eu me graduei em Direito em dezembro de 1970, com a medalha que me foi posta no peito pelo Jarbas Passarinho, que era Ministro da Educação

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Sociologia eu comecei em 69...

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Não, antes.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Ah, sim, depois de começar o Direito. Exatamente. Eu estava no início do terceiro ano quando eles me mandaram embora.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Na Faculdade de Sociologia, primeiro.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Padre Itamar de Souza, mas antes foi Laércio Bezerra de Melo. Depois esse Laércio foi muito perseguido. Foi pra Paris.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Como assim deixou a Universidade? Ele foi perseguido e foi pra Paris.

**Carlos Gomes:** É. Eu vi qualquer coisa lendo, não sei se foi de Rinaldo, que ele tinha sido afastado. Falava que ele foi afastado. Até assumiu Itamar.

**Luíza Maria Nóbrega:** Assumiu Itamar. Por isso Itamar era visto com péssimos olhos. Todos nós desconfiávamos dele e também ele era um tipo meio sisudo. Eu na verdade nunca me aproximei dele. Sei que ele passava pelos corredores. Talvez por se sentir

também meio... O clima não era bom. Saiu aquele considerado gênio, e então Itamar já entrou com todo mundo contra. Era o imposto. Era um clima muito desagradável. Na biblioteca, nós entrávamos pra ler e havia sempre alguém perseguindo para ver o que estávamos lendo. Voltando. O meu irmão Laurence, que já morava em Campina Grande, era casado. Fez-me uma visita nesse aparelho e minha família já tinha ido para Fortaleza. Meu pai estava negociando a venda da casa. Mas por que eu estava falando da casa mesmo?

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Ah, eu me lembro uma vez de uma reunião da Direção no Recife e que eu sugeri que, ao invés de Marx, lêssemos Freud, porque recrutaram um menina que ainda chupava chupeta. Eu disse que aquilo era um absurdo. E o dirigente-mor, que se chamava Manoel Lisboa de Moura – e que nós conhecíamos como Mário – concordou comigo. Disse: "Concordo com a companheira Luíza. Realmente estão acontecendo coisas muito estranhas nesse partido e ninguém entende mais nada.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Não, isso já em 1970. Depois de ter concluído Direito e quando estava fazendo Sociologia. Já não havia mais passeata, já não havia mais nada. Era noite. Era o chumbo. O Partido começa a me fazer críticas porque eu era pacifista. Chamavam-me de cristã porque eu me recusava a pegar em arma e dizia: "Em arma eu não vou pegar. Usem-me pra tudo. Coloquem-me no escritório, mas em arma eu não pego". Aí começaram, por causa disto, a ficar contra mim. Quando está no auge dessa situação complicadíssima, o Partido decide fazer uma pichação em Natal, com um fato muito memorável, para não dizer o contrário. Memorável no mau sentido do termo, que foi a visita do grande carrasco, dois carrascos na verdade: o General Meira Matos (o comandante da repressão no Nordeste) e que tinha fama de jogar estudantes no mar e o General Garrastazu Médici, que nós chamávamos de "o carrasco azul". Vieram visitar Natal numa demonstração de força. Por alguma razão, estavam empossando novos militares e o Partido, numa decisão audaciosa, planejou uma operação de pichação. Bom, lá fomos nós. Pegamos um carro emprestado com uma amiga – Dalci – e eu fui

dirigindo. Só que eu era míope e os óculos não estavam bem atualizados. Eu estava conduzindo; Rinaldo, que era o outro membro da Direção daqui, não participou; e atrás ia um pernambucano, que era um rapaz muito simpático, risonho, brincalhão e levava tudo no bom humor, que era o que nós chamávamos de Raul; um rapazinho que depois me dedurou, que era Alvimar Queiroz e do PCR, era secundarista; e Gracinha, acho que Gracinha estava, que era outra prima de Emmanuel. E o louco do rapaz, o menino, o romântico do Alvimar inventou de pichar na rua onde ele morava para mostrar a audácia dele e eu não sabia de nada. Ele não disse nada ao Partido. Foi reconhecido na rua. Era madrugada. Quando eu estacionei o carro, vi alguém mexer nos postigos da janela e joguei toda a luz para encandear-lo. Achei que com isso ninguém tinha me visto. Ele me viu, me reconheceu. Felizmente, eu era um bocadinho conhecida e foi por isso que eu consegui escapar. Foi por isso que fui identificado, e também foi exatamente por isso que eu consegui fugir. Nós pichamos: "Fora assassinos". O General Presidente da República com o Comandante das tropas estavam por aqui. Isso pegou muito mal. Isso foi terrível. Então eles botaram pra lascar. Primeiro, eu comecei a ter a sensação de estar sendo perseguida. Nunca tinha certeza, mas comecei a ter uma coisa esquisita nas minhas costas. Observada. Depois, um dia...

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Então eles vêm com aquele aparato. Sei que imediatamente foi instaurado um inquérito policial. Eu escapo da seguinte maneira... Logo em seguida eu estava em casa quando entra meu cunhado Jaime. Eu: "Oi, Jaime, tudo bem?". Ele disse: "Coleguinha, venha cá". Aí me levou até a grade e disse: "Olhe, disfarce, faça de conta que não está vendo, mas ali está parado um carro. Está vendo aqueles dois homens bigodudos? Eles são do DOPS". Eu: "E como é que você sabe?". Ele: "Eu sei, não pergunte". Aí Jaime disse: "Eu vou sair e quando eu sair você preste atenção. Se eles saírem atrás de mim, sou eu quem eles querem, aí você imediatamente liga para minha família e avisa". Ai eu, muita egoísta, pensei: "Claro que é pra Jaime, ele que se vire". Fiquei na espera. Jaime saiu e nada deles saírem. Então caiu a ficha – é pra mim, sou eu quem eles querem. Como excelente atriz, bailando, devagarzinho, entrei. Aí pernas pra que te quero! Queimando material, jogando tudo na descarga, enlouquecida, mas não dei conta de tudo e o medo era de que eles entrassem e o meu pai estava no escritório

dele. Pensei: "O que é que eu faço?". O meu escritório cheio de Che Guevara. O que eu não consegui rasgar e queimar coloquei em duas caixas. Fui devagarzinho, coloquei atrás de um jipe que meu pai tinha e fui falar com meu pai: "Papai, eu hoje vou sair mais cedo e não vou para a faculdade jantar com Ana Valderez". Mentira, eu ia lá pra deixar aquele material todinho, mas eu não queria assustar meu pai. Quando o meu pai desce o jipe, que sai da garagem, que dá a ré pra continuar para a Hermes da Fonseca, ele fica rente com o carro. Nesse momento, eu que já não acreditava mais em Deus nem em nada, rezei uma ave-maria. É agora. Eles vão parar o carro e me pegar com tudo isso aqui atrás; vão quebrar minhas costelas e dançar canção em cima das minhas costelas. Eles não brincavam em serviço. Aí, misteriosamente, eu disse: "Lá vêm eles atrás, lá vêm eles atrás". Quando já tinha uma certa distância, eu olhei e não tinha ninguém. Então pensei – milagre, dessa pelo menos eu estou salva. Aí cheguei na casa de Ana Valderez, eu disse – ah, trouxe uns livros pra ela. Tirei disfarçadamente. Meu pai foi embora. Cheguei: "Ana, é o seguinte: a repressão vai atacar. Guarde essas coisinhas aqui pra mim". Nem disse muita coisa pra não alarmar. E ela se penteando, demorando, e Jaime marcou comigo: "Sete horas na faculdade, se um de nós não chegar, avisar imediatamente a todo mundo". Ana Valderez era muito vaidosa. Ficou se penteando, se pintando, e chegamos atrasadas. Quando entramos na sala, a turma todinha disse "Luíza" num brado retumbante. Eu disse: "Que é isso gente, vocês enlouqueceram?". Estava todo mundo aqui dizendo que você foi presa. Eu disse: "Que história é essa, fui presa nada". Aí Jaime: "Colega, você ficou de chegar às sete horas e até agora". E eu achando que era porque Jaime tinha dito. Então eu disse: "Jaime, você foi espalhar que eu tinha sido presa?". Ele respondeu: "Não, não fui eu não. Quando eu cheguei aqui esse boato já existia e onde há fumaça, há fogo. Vá atrás para saber quem espalhou esse boato". Ai eu fui perguntando a um e a outro: "Quem lhe disse?". Até que cheguei numa menina chamada Emília que trabalhava na Reitoria e que naquela época era na Hermes da Fonseca. Aí ela disse assim: "Ah não, não foi boato não, sabe o que acontece? Eu trabalho na Reitoria e hoje de manhã, quando eu cheguei lá, um funcionário chegou pra mim e perguntou se eu sabia que Luíza, a filha de Doutor Nóbrega, tinha sido presa. Ela disse: "Não você tá enganado". E ele respondeu: "Foi sim, eles pegaram ela na casa dela, levaram lá para aquele aparelho". E ela: "Não, Luíza não. Luíza é minha colega de Faculdade. Não pode ser ela". Ele: "Eu a vi sendo presa". Olha que coisa incrível. Ele me viu sendo presa, lá na hora em que a repressão baixou e levou todo mundo. Ele me

viu sendo presa naquela casa assim e assim. Aí a ficha caiu. Caiu o aparelho. Eu disse: "Jaime, caiu o aparelho". Ele disse: "Colega, você tem onde se esconder?". Eu fui pra casa de Dona Zefinha e Seu Barbosa, que eram os sogros do meu irmão Laurence, os pais de Lúcia. Acolheram-me lindamente. Por sorte já não havia mais ninguém. Já estavam todos casados. Só restava o mais novo morando lá e ela me pôs num quarto que estava vazio e disse: "Qualquer pessoa que chegar, você se tranca no armário embutido". Foram dias terríveis. A repressão baixou como uma praça de guerra. Eu ficava olhando pelos postigos da janela quando não tinha ninguém. Eu via tanques passando, jipes, aquele aparato ostensivo. E aquela sensação horrível de estar excluída do mundo. Em seguida, por sorte, chegou o dia das mães e vieram todos os filhos para o dia das mães. A filha mais velha dela era casada com um ex policial do trânsito aposentado, que passava pelas divisas sem qualquer problema, só cumprimentando os colegas. Ai tramaram a minha fuga dessa maneira. Eu tinha o cabelo comprido. Cortaram e pintaram de ruivo. Puseram-me uns óculos enormes e aí consegui passar. Cheguei em João Pessoa, onde esse casal de João Pessoa morava. Ele ligou imediatamente para meu irmão Laurence, que morava em Campina Grande, e disse: "Laurence, eu tenho aqui uma encomenda pra você". Ele disse: "Nem diga o que é que eu já sei. Vou aí buscar agora". Eu devo o fato de não ter sido apanhada pela ditadura primeiramente ao meu ex-cunhado Jaime Ariston, que já se foi; segundo ao meu irmão Laurence; e terceiro acho que pela incompetência da repressão por, ao invés de me apanhar naquela hora, eles pensaram: "Vamos ver se amanhã chega algum peixe maior, porque aí a gente pega todo mundo". A partir daí eu fugi. Em Campina eu fiquei um pouco mais de um mês e, de lá, um amigo de Laurence que morava em Aracaju me levou até Aracaju e onde consegui pegar um ônibus até o Rio de Janeiro. Fiquei clandestina. Não podia usar o meu sobrenome. Ao invés de ser Luíza Nóbrega, passei a ser Lu Miranda, já que passei a viver na casa da minha tia Zuíla Nóbrega Miranda, que tinha duas filhas também Miranda. Uma dessas minhas primas resolveu que eu deveria me chamar só de Lu Miranda, porque aí ninguém me encontraria com esse nome. Eu fiquei no Rio dessa primeira vez de 1971 a 73 porque em 73 eu vim visitar minha família ainda clandestina numa praia no Ceará. Eu vim de ônibus também até Aracati e lá eu desci de noite. Meu irmão Klaus me pegou lá e me levou para uma praia, onde ele tinha alugado uma casa. Uma praia deserta. E assim eu conseguia ver minha família. Encontrava com minha família e ninguém sabia. Depois voltei para o Rio de novo em

75 e fiquei por lá de novo, mas a prescrição só foi se dá em 78. Eu sou condenada. Eu fugi em maio de 71 e fui julgada em 72. Aí eu fico 73, 74, 75, 76, 77 e 78. Só em 78 é que eu tenho a prescrição da pena. Tenho tudo aqui documentado. Eu quero mostrar uma fotografia que saiu na *Tribuna do Norte*, no artigo que nos chamavam de alienígenas e que dizia que éramos procurados. Eu era procurada. No dia seguinte, quando eu estava na casa de dona Zefinha, ela não tinha ideia da gravidade. Quando ela comprou o jornal e olhou, disse: "Minha filha, você está sendo procurada". Eu disse: "Eu sei, e é por isso estou aqui".

**Carlos Gomes:** Você não chegou a ser presa. Você fugiu?

**Luíza Maria Nóbrega:** Eu fugi, nunca puseram a mão em mim.

**Carlos Gomes:** Condenada, mas prescreveu a pena...

**Luíza Maria Nóbrega:** Exatamente, prescreveu a pena.

**Carlos Gomes:** Só estou em dúvida em uma coisa: Laurence, seu irmão. Eu conheço dois Laurence. Um que é jornalista/escritor...

**Luíza Maria Nóbrega:** Esse é mais novo do que meu irmão. Meu irmão é Laurence I. Este é Laurence II.

**Carlos Gomes:** Esse Laurence era um que tinha um negócio de pneus na Ribeira?

**Luíza Maria Nóbrega:** Não, Laurence tem a *Kip*. É outra loja, de móveis.

**Carlos Gomes:** Estou confundido porque eu conheço vários Laurence Nóbrega, pelo menos dois.

**Conceição Fraga:** [Inaudível].



**Luíza Maria Nóbrega:** Então, eu digo aqui no memorial que vai aqui em anexo. Já estamos passando para a terceira parte que eu acho que é a das repostas e perguntas, não é? Com ela vamos encerrar. Antes de responder isso deixe-me só... Porque eu concluo e entrego o dossiê e então posso responder. Eu anexe aqui no dossiê um texto que escrevi e depois foi publicado na Revista *Preá* anos depois. O texto é sobre o meu convívio com Emanuel, onde constam duas fotos que são esta aqui e a outra é aquela do trote que foi dado quando entrei no Direito. Também anexe um texto, que é um capítulo do livro de Gileno Guanabara, sobre as lutas da Faculdade de Direito. Um capítulo que ele dedicou à minha atuação na Faculdade de Direito.

**Juan de Assis Almeida:** [Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** É isso mesmo. A sua versão está parecida com a minha, só que a sua ainda está mais estragada que a minha. Já folheou muito, não é? Mas, respondendo a sua pergunta... O que eu vou fazer, o que acontece? O que eu vou fazer, o que que acontece. Eu digo aqui no memorial o seguinte. Primeiro eu digo que Glauber Rocha chamava a nossa geração de cabeças cortadas. Eu tenho a sensação nítida e disse isso quando pleiteei a indenização, de que fui uma flor decapitada em botão, quando mal começava desabrochar, e nem consegui exercer a profissão. Mal concluo, já tenho que fugir. Isso me prejudicou, de certo modo, porque se eu tivesse tido algum vínculo com a Universidade eu hoje teria aquela indenização que eles têm e eu não. Tive aquela indenização por parcela única, irrisória em relação ao que eu merecia mas nem pude reclamar porque havia pessoas que sofreram muito mais e também tiveram uma indenização irrisória. O que é que eu fiz? O que eu fiz foi... Eu não gosto de me deixar vencer pelos desafios. Eu gosto de transformar os desafios em proveitos e por isso gosto sempre de acreditar que o destino prepara sempre algo melhor para mim. Eu acho que é a única maneira de reinventar as coisas, como diz aquele provérbio já bem vulgar, mas que eu gosto muito: "A concha transforma o grão de areia em pérola, está incomodando e ela transforma em pérola". O que eu fiz? Não podia exercer o Direito, não podia dar entrevista, não podia fazer concurso, não podia nem sair com meu nome em lugar nenhum. Se tivesse uma blitz eles pegavam e me levavam. Eu estava numa lista nacional o meu nome. Mas tive a sorte de começar. Eu desviei um pouco o meu destino. Por isso chamo de "destino interrompido". Na verdade foi interrompido e desviado. Eu

cheguei no Rio e tive a sorte, a felicidade de me matricular na melhor escola de Artes que havia naquela época, que era o Centro de Pesquisas de Arte, criado e dirigido por Ivan Serpa, que era um grande artista e pedagogo. Entrei lá como Lu Miranda. Era uma escola livre. Não precisava de documentos nem nada. Perdi excelentes oportunidades porque uma vez me convidaram para uma entrevista no *Jornal do Brasil*. Convidaram-me para fazer exposição e eu não podia. Não podia assumir nada que mostrasse a minha cara. Fui me desviando sempre mais do Direito. Fiz o mestrado em literatura e aí me dediquei cada vez mais à literatura. Transformei-me em pesquisadora, professora de literatura e escritora, que é o que sempre fui. Escrevo desde a idade de 8 anos. Então, quando regresssei à Natal... E claro, fui à Portugal. Vivi dez anos em Portugal, onde fiz minha pesquisa toda e a tese de doutoramento. Escrevi uma tese sobre 'Os Lusíadas', dediquei meu estudo aos poetas. Não me tornei advogada mas advogo à poesia e os poetas. Até hoje faço a defesa da poesia e dos poetas. Publico livros, participo de colóquios, sou membro de dois centros de investigação portuguesas: um na Universidade de Coimbra, e outro na Universidade Nova de Lisboa. Atualmente sou professora do DEART e faço parte aqui da Universidade. Já fui realmente efetivada e o quê mais?

**Carlos Gomes:** [Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Diógenes fez a minha apresentação ontem. A apresentação do livro. Diógenes chegou a ser meu professor de Prática Jurídica porque ele se formou antes de mim.

**Carlos Gomes:** Chegou a se inscrever na OAB, do Rio Grande do Norte?

**Luíza Maria Nóbrega:** Olha, engraçado... Eu tenho – mas acho que não está aqui, eu não trouxe – a minha carteirinha. Ainda é daquelas vermelhinhas. Eu não me inscrevi naquela época, naquela altura, mas quando eu voltei procurei Armando, que era da minha turma e meu colega, e que naquela altura era presidente da OAB. E ele disse: “Vamos fazer sua carteira”. Eu não fiz exame, não fiz nada. E fiz a minha carteira bonitinha, vermelhinha. Tive uma vida de grandes aventuras que não acabaram,

rocambolescas, e continuam. Espero que daqui em diante as coisas não se tornem nunca mais chumbo.

**Carlos Gomes:** Está meio difícil viu. Até porque do lado de lá não aparece mais ninguém que tenha alguma coisa na cabeça. Pelos e-mails que recebo, é de uma futilidade gritante.

**Luíza Maria Nóbrega:** O chumbo agora é de outra natureza. A propósito disso, eu quero fazer um comentário, que é o seguinte. Eu li dois volumes daquela série do Élio Gaspari e gostei muito da “Ditadura escancarada”, mas a “Ditadura derrotada” eu nem li porque eu não acho que a ditadura foi derrotada. Eu acho que ela... Porque há um grave equívoco que consiste no seguinte: as pessoas mais despolitizadas, mais ingênuas, mais primárias, votam porque dizem “fulano é bom, ele vai fazer um bom governo” e desconhecem por completo as forças a que aquela pessoa vai ter que servir. Às vezes a pessoa é muito boa mesmo, mas quando chega lá vai encontrar uma série de forças contra as quais ela não tem poder. Essa é a primeira coisa. Outro equívoco que se assemelha a este, que decorre da mesma raiz, é aquele de dizer que a ditadura é militar como se fossem os militares responsáveis por aquilo. Eles foram apenas uns cães mandados.

**Carlos Gomes:** No meu entender o Brasil sempre viveu de ditaduras... civil, militar, partidária... Sempre viveu de ditaduras.

**Luíza Maria Nóbrega:** Eu sou obrigada a concordar com o senhor, professor. E eu acho, para finalizar o que eu quero dizer sobre isso, eu acho que na verdade a ditadura fez o que tinha que fazer e não era para durar para sempre. Ela veio para fazer uma tarefa, cumpriu tudo e disse “Está todo mundo amarrado” e agora eu posso ir embora. É aquela questão: quando um cão está amarrado, se ele que estar solto, vai perceber que está amarrado, mas se ele não quer se libertar, ele nunca vai perceber que está amarrado. Na minha opinião está todo mundo amarrado no shopping, no resort, na academia, todos são escravos do capitalismo. O capitalismo triunfou. Não é mais preciso ditadura. Para quê? Eles têm outras armas muito melhores, são déspotas esclarecidos. Aí dizem: “A culpa é de Lula”. Não gente, é um sistema.

**Carlos Gomes:** A própria ditadura foi o golpe dentro do golpe. Castelo tinha a intenção de depois daquele início entregar ao governo civil. Mas deram um golpe, que foi o golpe dentro do golpe. E aí outros golpes vieram. E até mesmo o começo da ditadura com Geisel foi uma espécie de golpe. Porque ainda existem recursos daqueles que não têm jeito. A gente vê pelos artigos que são publicados. Eu recebo cada artigo! Meu Deus, cadê a legislação do Brasil? Que prega desobediência, terrorismo, força e não acontece nada.

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Eu estava formando um dossiê e estava tão pesado. E não sei o mistério, pois das minhas cento e tantas pastas desapareceu a da Comissão da Verdade. Não sei como foi. Estou recuperando com muito sacrifício. Será que já estão penetrando os computadores? Roubaram a minha pasta com um arquivo imenso. Um belo dia eu recebo no Facebook uma pessoa perguntando se podia ser meu amigo. Quem era? Ivan Benigno. Ele já dizia que soube que Zacheu tinha estado aqui. Claro que eu disse que queria ser amigo dele porque queria colher alguma coisa. Só que ele não abre de jeito nenhum. Ele me mandou um currículo que eu até copiei e me mandou uma mensagem pesada sobre qualquer coisa de subversão. Aí eu dei um coice nele dizendo que me admirava que ele ficasse mandando essa panfletagem pra mim e não respondia o que eu perguntava. Aí ele me pediu desculpa, dizendo que não era a intenção. Aí vez por outra me manda uma mensagem bonita, de perdão, de Deus, de Jesus, de Nossa Senhora e eu não consigo de jeito nenhum.

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Oficialmente, eu pedi e a reitora requisitou ao R.O e ao 16 R.I. Não existe nada. Mas nós localizamos coisas preciosas para o nosso trabalho no Arquivo Nacional.

[Inaudível].

**Carlos Gomes:** Eu fui contemporâneo de Luíza, tanto que em meu encontro com ela eu a olhei. Primeiro que eu pensei que ela fosse uma das pessoas que tinha sido assassinada. E a minha referência dela é que fui ver sua exposição de pintura. Nós fomos contemporâneos pouco tempo. Ela entrou em 1966 e eu saí em 68. Eu me lembro demais daquela exposição feita no salão perto do pingue-pongue.

**Luíza Maria Nóbrega:** A propósito disso, Gileno Guanabara me prometeu as fotos que ele tem dessa exposição, com Edgar Barbosa me saldando. Eu queria muito. Até hoje ele não me deu. Vivo cobrando e ele não me dá. Eu queria falar uma coisa sobre isso que estávamos discutindo, Caio Prado Júnior... Aliás, outra coisa que a ditadura fez é ter varrido para sempre títulos de livros que já não se editam mais, como por exemplo os livros de Caio Prado Junior. É fundamental que o estudante de hoje, para ler a sua história, a história do seu país, leia Caio Prado Junior. Eu pergunto aos meus alunos e ninguém sabe nem quem foi. Caio Prado dizia uma coisa que era o seguinte: “O destino do Brasil nunca se decidiu no Brasil. O destino do Brasil foi sempre decidido fora do Brasil”. Você percebe isso nitidamente quando você sai do país.

**Carlos Gomes:** Ele é vivo ainda?

**Luíza Maria Nóbrega:** Não, foi um dos que foi extremamente maltratado pela ditadura. Um filho dele se matou e quase que não o deixavam ir ao enterro e ele foi. Não sei se algemado, mas foi escoltado para esse enterro, mas para humilhá-lo. A propósito disso, se me permitem, eu queria fazer uma bela reflexão: quando eu digo que a ditadura fez o seu trabalho e que os militares eram apenas os executores, eu não estou dizendo nenhuma novidade. Eu quero dizer o seguinte: na verdade eu acho, e eu digo isso em termos micro, ou seja, sociedade local Natal, à qual eu pertenci – mas também eu acredito que aconteceu no país todo –, acho que na verdade foi feito um trabalho de extinção do mundo em que vivia a classe média. A classe média saiu do palco, saiu do cenário. Tiraram-lhe os hospitais, roubaram-lhe os jardins, cortaram-lhe as cabeças, fecharam as faculdades, as livrarias, as galerias, tudo isso foi desaparecendo. Foi feito um trabalho para que a classe média se extinguisse. Por exemplo: na noite em que me escondi, na hora em que Jaime me disse “Corre, se esconda”, sem ter para onde ir, imediatamente me veio aquela frase que Laurence tinha me dito: "Se precisar um dia de

ajuda, quero que se lembre de mim". O cérebro tinha registrado como um computador e na hora do perigo ele mandou: "Laurence, a casa de dona Zefinha e seu Barbosa". O que eu fiz? Parece mentira isso. É rocambolesco, mas é verdade. Eu fui pelos fundos em vez de ir pela frente. Eu fiquei com medo de eles já estarem lá na frente, então eu fui pelos fundos. Saltei uma janela e pulei pelos fundos, e quando olhei assim estava um breu, uma escuridão. Natal era tão escuro. E quando olhei tinha um táxi branco parado atrás. Parecia que estava ali me esperando. Um táxi naquela altura, na Fundação José Augusto, era muito estranho. Eu perguntei se estava livre e segui porque eu tinha medo de ir à pé e me deparar com alguém. Aí não mandei parar em frente a Dona Zefinha. Mandei parar na esquina da rua Mossoró com a Rodrigues Alves e fui caminhando até a casa de dona Zefinha. E de manhã bem cedinho, eu pensei: "E agora, como vou avisar ao meu pai?".

Eu sabia que a irmã de seu Barbosa era uma beata, dona Neva, e todo santo dia ela assistia a missa na Santa Terezinha. Às cinco da manhã ela saía para a missa caminhando. O pessoal andava tudo a pé em Natal naquele tempo. Aí eu escrevi uma cartinha para meu pai dizendo que não ia voltar para casa porque estava sendo procurada e que não ia dizer onde estava porque se eles o pegassem iam torturá-lo para dizer. Aí pedi a dona Neva que entregasse a meu pai antes de ir para a missa e a pedi para não dizer onde eu estava de jeito nenhum. Aí ela foi lá e bateu por volta das cinco da manhã. Meu pai atendeu, mas insistiu tanto com ela e começou a chorar e a insistir e então ela disse que eu estava em sua casa e não se preocupasse. Pois bem, quando chegava oito horas da manhã, naquele tempo, não sei se hoje ainda é assim, antes das oito ninguém podia invadir uma casa de família.

**Carlos Gomes:** A lei tinha uma restrição. Atualmente é mais cedo.

**Luíza Maria Nóbrega:** E olha o que o meu país fez, era astucioso... Eu tinha deixado Mao Tsé-Tung e Che Guevara nas paredes. Aí meu pai foi lá, retirou tudo, e colocou um pôster de Kennedy. Botou uns livrinhos bem inocentes e guardou tudo em um armário embutido lá na casa, que estava toda desocupada e colocou a chave do quarto em um postigo. Quando eles chegaram, tudo à paisana, disseram: "O senhor, como está? Nós somos amigos da Luíza e viemos aqui..." O meu pai disse: "Ela deve estar lá no quarto,

dormindo. Eu ainda não a vi hoje. Vamos lá no quarto”. E chegam no quarto. Meu pai bate, simulando tudo. Aí eles começaram a se impacientar e então meu pai disse que talvez eu tivesse ido dormir na casa de uma amiga e quando isso acontece ela deixa a chave aqui em cima. E perguntou se eles queriam entrar e quando abriram o quarto tiveram uma decepção. E então eles disseram que achavam melhor falar a verdade, que faziam parte dos órgãos de segurança e vieram porque tinham um mandado de segurança que não era para prender, e sim só para depor e que ele faria bem em dizer onde eu estava. O meu pai respondeu que não diria porque não sabia e, mesmo que soubesse, não diria e não diria porque ouviu falar que eles tratavam muito mal os estudantes e que não queria que tratassem mal sua minha filha. A esta altura ainda era possível dialogar assim. E eles responderam que era mentira, calúnia: "Nós não somos nada. Nós não estamos perseguindo estudantes e sim os elementos infiltrados nos estudantes. Sua filha não vai ter nada, nós queremos só que ela vá depor". E ele insistiu que não sabia. E então eles perguntaram quantos irmãos eram e então Klaus chega. Meu pai entendeu que perguntaram quantos irmãos eu tinha e respondeu que eram seis, quando na verdade são sete contando comigo. E aí eles perguntaram os nomes. Meu pai foi dizendo, começando por Klaus, que estava lá e que gesticulou para ele omitir o nome de Laurence, que era justamente para onde eu ia me dirigir. E eles perguntaram onde estavam os outros e a esposa. E então ele explicou que haviam se mudado para Fortaleza e que ele ainda estava lá porque estava vendendo a casa e em seguida iria. Eles pediram então o endereço em Fortaleza, o que meu pai prontamente deu. Eles bateram lá imediatamente. Aí meu pai telefonou para Fortaleza e havia códigos para falar ao telefone. Por exemplo: quando alguém era preso, dizia-se que adoeceu. Existiam palavras proibidas. Você tinha que vigiar suas palavras. Aí meu pai ligou e disse que eu estava com um resfriado e minha mãe entendeu tudo errado: entendeu que eu estava indo de ônibus para lá e ia ser apanhada na cancela. Lá vai minha mãe com meus primos, todo mundo, para depois da cancela, para me avisar. E aí pararam o ônibus e perguntaram ao motorista se eu estava, com medo de eu ser apanhada na fronteira. Depois é que perceberam que não era isso. Meu pai não podia dizer claramente que eu estava na casa de dona Zefinha e que depois iria para Campina Grande. Os telefones eram todos grampeados. Aí eles cercaram, entraram e revistaram tudo na casa lá em Fortaleza. A parte cômica é que minha avó, já esclerosada, pensava que eram os cangaceiros, que ela já havia enfrentado uma vez em sua fazenda, na

Paraíba. Daí ela xingou os policiais, pensando que eram os cangaceiros. Mas viram que ela já estava esclerosada e não deram importância. E enfim eles saíram decepcionados, pois não me pegaram. Não pegaram o corpo físico e aí é que está a questão. Quando eu conto a minha história as pessoas dizem que eu fui das mais felizes. Claro, porque eu sei de Lígia Maria Nóbrega, que foi metralhada e morreu. Inclusive, a minha morte foi chorada falsamente. Duas amigas foram para um bar beber e chorar pensando que eu tinha sido morta. Aliás, você sabe o destino de uma menina que ficou meio perturbada e foi presa. Ela se chamava Isolda. Eu coloquei na epígrafe desse texto que eu escrevi para a Revista *Preá* sobre o meu convívio com Emanuel. Eu coloquei dois versos do poeta Allen Ginsberg que dizia assim: “*I saw the best minds of my generation destroyed by madness*”. Quer dizer: “Eu vi as melhores mentes da minha geração destruídas pela loucura”. Por um lado pela loucura paranoica daqueles que imaginavam que nós conseguiríamos fazer sei lá o quê. Porque eu, por exemplo, nunca ia conseguir pegar em uma arma, só se fosse o único jeito e, por outro lado, pela loucura que recaiu sobre nós, porque também passamos a refletir essa loucura, que foi um surto e casou danos. Eu não vou dizer que fui uma das mais privilegiadas, mas também não fui das menos. Fiquei no meio. O corpo físico não foi agarrado, mas as consequências vieram. O nosso sistema nervoso também faz parte do nosso corpo. Quando alguém imprime um golpe sobre o nosso sistema nervoso, não está prendendo o nosso corpo. E digo mais, durante muito tempo, só depois de muito tempo é que eu comecei a me dar conta que eu estava quase com uma mania de perseguição.

**Carlos Gomes:** Luíza, seu pai não sofreu nenhuma represália?

**Luíza Maria Nóbrega:** Sofreu intimamente, porque meu pai era um homem muito sensível. O meu pai era um homem respeitado, não é? Quando eu tinha seis anos vim para Natal. Meu pai era construtor, recém-formado em engenharia. Eu nasci em Fortaleza. A minha mãe é de Souza, na Paraíba, e meu pai de Cajazeiras, cidade vizinha. Mas quando bebê ele foi para Fortaleza, casaram e tiveram os filhos lá. Minha irmã Fátima foi a última a nascer lá. Veio com onze meses para cá e eu com seis anos. Quando chegamos aqui, meu pai veio por causa de um surto de construção que estava se iniciando. O governador era Silvio Pedroza. Um surto de construção que estava se iniciando: aquela avenida que ia do que hoje chamam Praia dos Artistas até o final, na



Praia do Forte. Foi toda meu pai que calçou. Antes não era asfalto, era calçamento. Meu pai tinha uma empresa que se chamava “Construtora Técnica Nóbrega Ltda.”, que era aquele quarteirão onde hoje fica a Caixa Econômica na rua Rodrigues Alves.

**Carlos Gomes:** Era a chamada Avenida Circular.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Sem querer interromper, mas inclusive o efeito residual. Até aqui você está procurada pela justiça, não pode colocar a cabeça fora. Agora você está livre, vai sair por aí como um passarinho. Não é assim, isso tem efeitos, isso gera consequências. Aqui consta como se eu tivesse ficado oito anos, mas na verdade não é. A ditadura me roubou pelo menos uns vinte, até eu começar outra vez a me reequilibrar daquele choque. E eu devo lhe dizer que – nesse memorial eu digo – quando eu pleiteio, eu digo... Eles estabeleciam um teto máximo, que era cem mil reais, mas você podia receber menos que isso. Havia um percentual aí qualquer, que era o meu caso, que eles chamavam modalidade de indenização única, e que faziam uma multiplicação lá que resultava em um certo número. O meu resultado era menos de noventa mil reais. Pelo que o meu futuro prometia, eu precisaria de uma indenização que me desse uma aposentadoria que teria hoje um juiz, por exemplo. Só para vocês terem uma ideia, o meu colega que era o segundo lugar – Caio Otávio – se tornou desembargador. Eu era o primeiro lugar. Quando eu concluí o curso recebi uma oferta de um escritório de advocacia muito bom lá no Ceará, para trabalhar meio expediente e receber mais do que quem trabalhava por dois, por causa do meu título e tal. Não pude, nada disso eu pude exercer. Minha irmã às vezes me censura porque eu até digo que o Médici, pensando em fazer um mal, acabou fazendo um bem. Ela me diz: “Não senhora, não foi ele que lhe fez um bem. Você é quem transformou esse mal em bem”. Exatamente. O desvio me levou a viver coisas muito boas também, mas eu preferia que estas coisas tivessem vindo na minha juventude. Quem gosta de sofrer um golpe e ficar com uma cicatriz? A gente aguenta porque é o jeito, não é?

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Ah sim, e nós tínhamos – e talvez ainda devemos ter – um registro no SNI, com informações sobre cada um de nós, se éramos perigosos ou não, etc. E isto era consultado quando íamos nos empregar.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Deixa-me dizer duas coisas. Acho interessantíssimo, você me enriquece ao dizer isso. Não é a primeira vez que eu sou considerada um paradigma singular, digamos assim, não só nessa situação. Devo lhe dizer que gosto muito desse desafio e até já comecei a responder a ele antecipadamente, porque já escrevi vários textos memorialistas, em que eu narro, mas não estão concluídos. Eu lhe lanço uma pergunta e, em contrapartida, você me estimula. Porque sabe que o escritor – e eu sou escritora – se sente estimulado quando ele percebe e sabe que tem um receptor, que tem alguém que quer ouvir o que você quer dizer, que está interessado de verdade. Você se sente responsável. É quase como uma pressão para escrever. Aí eu lhe lanço uma pergunta. Eu fico sempre na dúvida de ferir suscetibilidades, porque vou dar-lhe um exemplo: foi público e notório aqui em Natal, quando eu voltei, uma polêmica que eu tive com Rinaldo Barros. Eu reconheço que não devia ter dito uma frase que eu disse, mas eu disse *in off* e o jornalista foi desonesto e colocou na entrevista. E isso feriu Rinaldo e ele partiu pra cima. O partido, através de Rinaldo, numa carta... Aliás, o partido me mandou uma carta que também desapareceu. Isso também era documento, hein! As minhas coisas desaparecem misteriosamente. Rinaldo me escreveu uma carta... Quando eu fugi eles não queriam que eu fosse acudida pela família e sim pelo partido porque o partido ia me encaminhar. Vejam vocês, eu, aquela menina da rua Apodi, para a zona canavieira de Pernambuco. Era como dizer: “Vai para a morte”. Era um suicídio. Se Emanuel identificado como filho de pescador, baixinho, com todo aquele biótipo de um rapaz da zona canavieira, imagine eu! A primeira palavra que dissesse... Então eu fugi pela família, revoltada com isso do partido. Não sei se Mario ou Manuel Lisboa entrou nisso, mas quem escreveu a carta foi Rinaldo dizendo que eu ia ser justificada. Disse isso mesmo. Por exemplo, há certas coisas que eu não sei se devo dizer ou não devo. Por exemplo, Emanuel aqui é um herói, e ele é um herói, só que os heróis não são estátuas. Os heróis são humanos, cheios de defeitos, suscetíveis a tudo. Então eu gosto

de dizer a verdade, se eu for escrever é para dizer a verdade. Apesar de que a verdade tem mil faces.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** E ela agora tocou no capítulo mais triste. Obrigada pela pergunta. Quando voltei trinta anos depois para Natal, fiquei procurando as casas. Eu tive uma infância tão feliz nessa cidade. Essa cidade era mais maravilhosa do que qualquer aldeia suíça. Natal cheirava a rosa e jasmim. O morro de Mãe Luíza só tinha uma casa, que era do caseiro do farol. Eu e os meus irmãos atravessávamos o morro de Mãe Luíza onde e só era mato e saíamos do outro lado. Onde hoje é a Via Costeira era só praia deserta. Não existia bandido, nem pedófilo, nem *bullying*, soltos, descalços no mundo, só voltávamos para almoçar. 30 anos depois, quando eu voltei, fui procurar as casas. Sumiram tudo.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Vou encerrar o meu depoimento com uma coisa que está neste meu texto que estou escrevendo. Ele se chama “Utopia em fuga: quatro décadas impossíveis”. A primeira década que é a primeira parte se chama “Natal revelada”. Aí eu gostaria de ter minha casa da rua Apodi novamente de pé porque ela representava toda uma época que foi destruída [...]. A imagem que eu faço é a seguinte: antes da ditadura, antes das grandes transformações que começam nos anos 1960... televisão não existia, o rádio era só baixinho e, às vezes, o telefone era só uma coisa pesada e preta lá no canto dele, muito silêncio, havia mais mundo interior, havia mais livros, conversas na calçada.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Na verdade eu nunca tinha pensado nisso. Eu fui casada, mas não tive filhos. Fiz dois abortos e depois fiquei com dificuldade de ovular, mas nunca

tinha pensado nisso que podia ter tido esse tipo de consequência. São tantas coisas que nos acontecem que não nos detemos a pensar de onde aquilo veio.

[Inaudível].

**Luíza Maria Nóbrega:** Havia o céu, mas havia o teto. O teto era sagrado. Ninguém invadia o território de uma casa. Se você estava na sua casa, você podia ter o muro baixo e o portão aberto, não importava. Quando há toda essa invasão, com a televisão e tudo, a sensação que tenho hoje é que os tetos ruíram e ficamos expostos e dispersos.

**Carlos Gomes:** Há um livro chamado *Memórias de uma guerra suja* – recentemente muito badalado – no qual um ex-torturador chamado Cláudio Guerra faz alusão a Manuel Bezerra e que ele, na tortura, abriu o bico. Soube alguma coisa?

**Luíza Maria Nóbrega:** É a primeira vez que eu estou ouvindo falar.

**Carlos Gomes:** Quando o livro saiu, ano passado, criaram muita fantasia. Aí eu fui ler e fiquei decepcionado porque muita coisa eu já sabia. O que ele fez para se tornar novo foi tentar denegrir a reputação das pessoas, inclusive fala que Emanuel andou soltando o bico. Parece que a família queria até processar. Na sua vida, você manteve contato com Emanuel até a morte dele.

**Luíza Maria Nóbrega:** Eu não condeno ninguém que abriu o bico, porque se me dessem um beliscão eu estava falando, confesso. Felizmente não me pegaram. Ele me fez uma pergunta que me obrigará dizer a verdade, nada mais que a verdade. Emanuel era um tipo muito inteligente. Era primeiro aluno, poeta, acho que ganhou um prêmio em um concurso de poesia e se tornou presidente da casa do estudante e era muito audacioso. Vou contar uma história que vocês não devem saber porque ele contou para mim e não sei se contou para mais alguém. Quando eles estavam reivindicando lá, Agnelo Alves era o prefeito. Ele estava liderando e quando entram ele vai aperta a mão de Agnelo e Agnelo diz que não vai apertar a mão dele porque estava gripado. Aí passou-se e o movimento foi crescendo, ganhando força e ele está agora numa posição

de superioridade. Aí no final Agnelo vai apertar a mão dele e ele diz: “Hoje quem está gripado sou eu”. Ele era assim, tanto que meu pai o chamava de desaforado. Meu pai o detestava não por ser pobre e filho de pescador, mas por ser comunista e desaforado. E minha mãe detestava por tudo isso e ainda por cima por ser pobre e feio. Era horrível. Quando eu comecei a escrever, comecei a indagar o porquê, afinal de contas, de eu me deixei arrastar por Emanuel. Eu poderia dizer que era uma mocinha apaixonada e a ditadura roubou o meu amor, para ganhar trezentos mil reais de indenização. Eu já era noiva. Podia ter ficado com os trezentos mil que o irmão dele ficou. Não era o irmão, era eu. Mas não disse. Prefiro dizer a verdade. Emanuel, com sua audácia pertinaz, me capturou. Havia isso. Juliano fazia muito disso também. Eles pegaram as meninas, principalmente. Eles ganharam essa má fama com razão. Pegavam as meninas verdes. Eu era verde demais, sabia nem o que era comunismo. Eu era inteligente e queria mudar o mundo. Queria que as coisas fossem diferentes, mas eu não tinha estudado o comunismo. Passei a estudar quando entrei pro partido, daí li aquelas coisas todas que os russos e os chineses mandavam. Mas Emanuel começou a me olhar e ver que eu estava me destacando. Juliano também. E aí começaram a disputa entre o PCR e PCBR. E eu não me lembro bem porque escolhi Emanuel ao invés de Juliano. Eu acho que achei Emanuel mais firme. Juliano falava muito bem, muito eloquente, mas mais garoto. Aí comecei a namorar com Emanuel e logo ele foi preso e aí o namoro era na prisão, com os guardas tudo olhando e minha mãe do lado. Quando ele se soltou quis me levar para conhecer a família dele em Caiçara, São Bento do Norte, na praia. Aí eu conheci. Era uma aldeia de pescadores. A pobreza de antigamente não era igual a de hoje não. Uma pobreza daquela eu queria. Uma praia maravilhosa, sem nenhuma poluição, comendo aquele peixe. Era uma vida de pobre, mas de pobre decente, não como agora, como esse povo que mora na rua. Aí fomos para Fortaleza. Depois voltamos e em seguida ele vai para a clandestinidade. E daí passamos a nos encontrar apenas nos encontros em Recife, na reunião da Direção. E aí eu conheço um novo Emanuel. Eu estive conversando com Gileno Guanabara outro dia, quando Diógenes da Cunha Lima fez uma sessão em torno do oba-oba dele, pro lançamento do livro da filha dele, eu acho. E Gileno estava lá. Fazia tempo que não nos víamos. E eu disse a Gileno sobre a impressão de que Emanuel, nos últimos tempos, estava muito perturbado. E Gileno respondeu que já fazia muito tempo, desde os tempos em que estava preso na polícia já fazia umas caretas estranhas. Emanuel tinha uma história curiosa. A mãe dele teve um

sonho e é por isso que o nome dele é Emanuel. Eu sei porque fui lá. Ela me mostrou o baú dela. Ela me adorava e me considerada a futura nora dela. Uma mulher inteligentíssima, dona Joana. Uma líder local. Se fosse hoje ela era o primeiro escalão do PT, líder de todos eles. Ela era quem lutava pelos direitos dos pescadores. E o filho foi na esteira e o sonho dela é que o filho um dia ia ser vereador e depois deputado, sempre lutando contra a pobreza. Era o que a gente chamava de reformista. Só que o filho, como diz o ditado, não deu pro certo, deu pro torto porque ele dizia que não ia ser deputado coisa nenhuma, não vou ser vereador de nada, e que ia fazer a revolução brasileira, o que a desapontava muito porque temia perdê-lo. E quando ele desaparece e é morto, ela continua a vê-lo. Ele continua a aparecer para ela. Isso me contaram, pois eu nunca mais a vi. Disseram que ela ficou perturbada e que ele aparecia para ela depois de morto. E ela dizia que ele não estava morto. Quando eu voltei a encontrá-lo no Recife, encontrei outro Emanuel. Eu fazia perguntas e ele já não respondia. Estava com uma ideia fixa assim, eternamente. Só repetindo umas frases, isolado num canto. Ele não se reunia no grupo. Ele era da direção, mas... E todo mundo preocupado com ele. Eu lembro que um dia ele cortou o pé e eu andava sempre com mertiolate. E eu ofereci passar o remédio no pé dele e ele disse que não, que não queria nenhum luxo, nenhuma regalia, porque estava se preparando para quando fosse preso. Ele já estava decidido a levar até o fim. Eu acho que ele foi até a linha de frente. Como é que vocês chamariam? Há quanto tempo vocês estão trabalhando nisso?

**Carlos Gomes:** Há um ano.

**Luíza Maria Nóbrega:** E até quando é que vocês pretendem continuar trabalhando?

**Carlos Gomes:** Em março a gente termina.

**Luíza Maria Nóbrega:** Vocês acham que já estão na altura de dizer assim... O que vocês definiriam aquela época? O que foi aquilo, definiria aquilo como o quê? Um surto coletivo, um surto revolucionário frustrado, uma utopia que se interrompeu, foi um movimento que não tinha base? Porque não deu certo.

**Carlos Gomes:** A gente pode falar alguma coisa só aqui do Rio Grande do Norte. No Rio Grande do Norte houve a ideia de uma inovação na educação, através de Djalma. A Igreja, enciumada porque Djalma começou a fazer um trabalho – e eu conheço o trabalho de Djalma – pensou que ia perder espaço e criou o dele. Aquela história da juventude, das escolas radiofônicas. E Aluísio foi eleito e pensou que não ia ficar de fora. Esses movimentos de inovação da educação recrutaram os jovens. Alguns e muito poucos tinham alguma ideia sobre politização. Outros só boa vontade. Então eles foram jogados nessa campanha, para trabalhar o pessoal jovem e adulto analfabeto. Foi quando veio a revolução e a revolução considerou que esse movimento era subversivo. Então foram presos e processados por participarem deste ideal, desta utopia. E utopia para mim é uma coisa sagrada. Sem utopia a gente já tinha se acabado. Por que para mim foi mais utopia do que outra coisa? Porque não havia, no meu entender, preliminarmente, a ideia real de uma revolução. Houve Djalma que quis inovar o sistema educacional, criando oficinas de teatro, de cinema, de mil coisas, até de ecologia. Coisa que não se falava. Além de uma metodologia para agregar as crianças em qualquer local. E os adultos à noite para não se perder os acampamentos. Claro que nesse trabalho de ensino, de alfabetização de adultos, e também de doutrinação política não pregando a revolução e sim que eles tivessem consciência do direito que cada um tinha. Aí por isso que foi considerado subversivo. Então eu entendo Natal dessa forma. Havia uma maioria absoluta que vivia em total alienação política. Natal era o tempo dos pardais no verde dos quintais.

**Luíza Maria Nóbrega:** Isso me lembra uma frase de Esmeraldo Siqueira, pai de Juliano, que dizia: “Vocês deixem de bobagem porque Natal nunca vai ser comunista. Vai ser assim: um dia, quando a humanidade inteira for comunista, vão olhar no mapa e se perguntar se ainda há algum lugar que não é comunista. Existe sim, uma cidadezinha no Brasil chamada Natal que ainda não é comunista. Então ela vai ser comunista por decreto, só por decreto Natal vai ser comunista”.